

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

X

Nº. de referência: 2

Título: "O ESCURIAL"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): GHELDERODE, MICHEL

Adaptador: ?

Realizador: RIBEIRO, JOSÉ

Locutor: ?

Data de produção: 18/6/1975-

Data de Emissão: 23/6/1975-

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
ANTÓNIO MARQUES	REI
BARLOS GÉRAR	FOLIAL
JÚLIO BLETO	ITINGE
CARLOS DANIEL	NARRADOR

Estado de conservação: Bom ☐ Razoável ☒ Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☐ Cópia ☒

Registo Sonoro: Sim ☐ Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

10000

(V.S.F.F.)

⇒

Notas:

- DIRET ARTÍSTICA - BENJAMIN MARQUES

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

PROGRAMAS INIATIVOS	
PROGRAMA Nº <u>48</u>	PROGRAMA _____
DATA DE ENTRADA <u>9 JUN/</u>	DELISSÃO DE <u>/ /</u>
PEDIDO DE GRAVAÇÃO	<u>_____</u> HORAS
A GRAVAR EM <u>/ /</u>	VISTO
NGRA _____	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

"O ESCURIAL"
de
Michel de Ghelderode

Personagens:
O REI
FOLIAL
O MONGE
~~O HOMEM DE ESCARLATE~~
narrador

M.B. - As rubricas foram lidas pelo narrador a
alvitre do director da peça: - Benjamin
maiques.

19-6-75-

[Signature]

narrador

Uma sala ^a num Palácio de Espanha. ~~Iluminação de subterrâneo.~~
~~A~~ ^{função}, de tintas opacas agitadas perpetuamente por sopros,
 mostra traços de braços apagados. No centro ^{da} ~~desta~~ sala, re-
 cobertos por um tapete esburacado, vêem-se uns degraus ve-
 tustos que terminam ~~-(muito lá em cima)-~~ num trono estranho
 e desconjuntado: um trono de louco perseguido que se compraz
 nesta solidão funérea, último fruto duma raça malsã e magni-
 fica.

Quando se abre ~~o~~ ^o ~~pano~~, ^o Rei abatido no trono apura o ouvido
 e geme desagradavelmente, enquanto que lá fora ~~os cães ui-~~
~~vam de morte, langanento e sem tomar alento - cães desesper-~~
~~ados. Pragas e estalidos de chicotes pontuam esta cacof-~~
~~nia desoladora, que o Rei tenta não entender.~~

REI - Degolem esses cães e todas as matilhas! Basta! Basta! É de
 arrepiar! É horrível! Afoguem esses cães! Matem esses cães
 mais a sua maldita intuição! Bas-ta!... (Levanta-se e camba-
 leia) Querem aterrar-me. Querem que eu perca a razão, a mi-
 nha augusta razão! É quem havia de reinar!? Mandam os cães
 conspirar, porque eles os homens se não atrevem a tanto...
 (Os latidos redobram) Misericórdia! Cães da noite! Cães do
 vento! Cães do medo! Cães... (Desce alguns degraus). Folia!
 Tratador dos animais, ordena que acabe essa sinfonia de pa-
 vor! São ordens d'El Rei!

VOZ - (fora) - ... do Rei! Folia?... que isso acabe...

OUTRAS VOZES- Hé!... Kss!... Pch!... (Os cães calam-se).

REI - Os meus cães? Ele matou os meus cães, as minhas matilhas...
 Os meus belos cães!... Folia! Os cães não gostam da morte
 (Geme). É uma grande, uma enorme injustiça ser dado à Morte.
 penetrar nos palácios do Rei. É preciso aqular as matilhas
 sobre ela. Ah! Os meus pobres cães degolados! (O monge en-
 tra. O Rei olha para ele). Não, não, não, não... Tu não! An-
 tes as sentinelas para arcabuzarem esse esqueleto que se
 insinua pelas grandes chaminés e preenche de horror o vazio
 dos imensos salões com a sua presença invisível.

narrador
 Uma silhouette
 escura e
 imprecisa entra
 lentamente.
 Ao atravessar
 uma raia de luz
 cinquenta o Rei
 reconhece
 o monge.
 ML/

MONGE - (de voz branda) - Vamos, Majestade...

REI - Silêncio!

MONGE - ...!

REI - Que é?

MONGE - (ainda de joelhos) - Vossa Majestade... (Balbucia).

REI - (ajoelha-se perante o monge) - Eu vou dizer-te. (Imitando o monge). Vossa Majestade não deve ainda lamentar-se. Nada pode apressar ou retardar a hora que só Deus conhece. Vossa Majestade deve resignar-se, baixar a cabeça e iniciar-se nos aspectos da desgraça iminente... Continua, capuchão!

MONGE - (de garganta seca) - Vossa Majestade sabe que a turba, o clero, todo o Reino estão, como nós, de joelhos em terra. (Levantando o braço para um efeito oratório) Ah!... (Deixa cair o braço) Seria uma caridade imensa, uma acção santa, deixar soar os sinos, levantar a interdição que Vossa Majestade lançou contra eles... (Ergue-se)... como criminosos que tivessem ferido os tímpanos delicados de Vossa Majestade; esses mesmos sinos que anunciam aos Céus as alegrias e as dores da terra... Vossa Majestade?...

REI - Não, não, não, não! Não haverá mais sinos. Abafem esses sinos! Têm tocado noite e dia. Esganem os sineiros!... (Arrebatado) Tanto ceremonial para morrer?... Monge, vou mandar quebrar os teus sinos. Soavam demasiado dentro da minha cabeça. Dentro dela ressoam tragicamente o dobre dos teus sinos e o ulvar dos meus cães. Havemos de morrer neste palácio, mesmo sem os teus sinos. Então iremos, sem sinos nem preces da população, apodrecer pomposamente nas criptas armoriadas deste palácio, ... deste palácio onde se caminha sobre cadáveres. Aqui tresanda a morte!... E vós gostais muito da morte, do seu cheiro e das suas pompas. Monge, o baixo desse capuz não serás tu esse esqueleto errante que tantas vezes me aparece?... (Ele deita para trás o capuz do

monge, que mostra a sua face branca, os olhos baixos. O Rei acalma-se) Ide à vossa obrigação. O Rei não quer mais carrilhões. Já disse!... (O monge sai às arrecuas como um autómato. O Rei passeia e monologa). Sinos... Cães!... A morte! Que pesadelo. - A Morte. - O dobrar dos sinos... O uivo dos cães... As bandeiras do pesadelo hasteadas em funeral nos campanários... Os cães mordem os sinos. A morte suja os meus palácios (Sacudido) Fabricai um túmulo de ébano, inventai epitáfios faustosos... Aqui jaz!... Chorai, oraí, erguei catafalcos, cobri-vos de luto, dai aos cortesãos máscaras e lenços, fazei o que puderdes mas depressa, libertai-me desta agonia ridícula!... Como se em cada hora se não finassem homens e mulheres, lançados para a vala comum, para a cal viva, sem o clamor das trombetas, eh... (Bruscamente calmo) Será preciso que eu chore também, que reze e que empalideça. Nesse caso, tenho então de ser ensinado por um actor. Onde estão os meus actores? Um Rei deve parecer sensível no decurso de espectáculo da sua nobre existência. Se não que ciria a História, que dá aos Reis cognomes, assim como aos forçados? (Volta-se para a janela da esquerda) Vens?... (O monge ^{entra} ~~entra~~). Tu, que habitas as paredes, escuta a vontade do Rei... (Com uma humildade simulada). Quero que se toquem os sinos; um dobrar delicado, um dobrar muito delicado, pois delicados são os ouvidos de Sua Magestade... (O monge quer sair. O Rei detém-no). Em que altura vai essa agonia? Essa agonia solene e demorada como um acto de tragédia?...

MONGE - Vossa Magestade duvida... Os sábios tentam prolongar-lhe um ligeiro sopro de vida, um tímido brilho das pupilas... Em vão, os sábios tentam...

REI - Charlatães devotados! Nós lhes daremos títulos em paga da sua medicina! Monge, sinto gelar a minha alma! Vai! (O monge sai. O Rei, lentamente, sobe as escadas do trono, esfregando os pés no tapete. Monologa) O Rei está triste, O Rei tem um desgosto... Quando a vir, morta e pálida como a cera, na parada ritual dos círios e das insígnias, lembrar-me-ei... - Tantas flores, tantas flores! - ... de uma noiva que comigo quis ser gentil... - Tantas flores... - e

soluçarei por causa das flores... (Esconde os olhos e parece soluçar)... pela minha querida Rainha. Chorarei como tu terias chorado sobre o meu corpo, querida Rainha, se a Morte tivesse confundido os aposentos!... (Ri às gargalhadas e o seu riso mecânico prolonga-se. Senta-se num degrau). É engraçado! E ninguém foi testemunha das minhas lágrimas! Eh! Folial! Truão! Não viste chorar o teu Rei, Folial? Ou os meus cães teriam devorado a tua carne de farsante?...

FOLIAL - (surgindo atrás do trono, mesmo em cima) - Os vossos cães são os cães do Rei, Senhor. Morderiam os fidalgos da corte, mas nunca os seus criados.

REI - Impostor! Mas fazes-me falta! Careceste de todo este tempo para degolar os meus cães?

FOLIAL - Eles não cometeram outro crime senão saudar impertinente-mente a Morte, essa ave de rapina... Limitei-me a acariciá-los. Eu sei falar aos Reis e aos cães, Senhor... Mas só estes me enternecem verdadeiramente... Os cães estavam tristes, sofriam, Senhor... (Vem sentar-se perto do Rei, que recua).

REI - Eles sofriam? Pobres cães. Também eu sofro!

FOLIAL - Pobre Rei!

REI - Mas não como um cão, eh! Eu sofro segundo o protocolo. Viste-me soluçar? Não? Então não viste nada. Se conseguires fazer-me rir quando dos funerais, falar-se-á no mundo inteiro da magnânima dor do Rei. Far-me-ás rir?

FOLIAL - Olhai! ^{para este} ~~(Tira um espelho, de mão do seu mantelete, mira-se nele e esforça-se por conseguir uma careta. E o bufão fica imóvel com uma careta esplêndida na face. Diz em voz baixa)~~
A dor do Rei!

REI - Admirável! (Um rir frenético jorra-lhe da garganta. Volta-se para o outro lado. Folial está inquieto).

FOLIAL- Senhor, os crocodilos passam por mestres nessas dores angustas. Terei vós algumas lágrimas ?

REI - (mostrando a face rubra de alegria) - Oh! Que logro. Ele ia-me lastimar! Faze como eu! Se eu fui à escola do crocodilo, tu aprendeste com o macaco. Trabalha, eh! Trabalha com essa língua!

FOLIAL- (crispado) - Perdoai-me.

REI - Ordeno-te!

FOLIAL- (procura com o olhar onde possa esconder-se, dissimula a face com o braço) - Senhor ? (Começa a rir espasmódicamente).

REI - (batendo com os pés) - Isso é belo, é muito belo! (Fica embaraçado) Pára, agora! (Folial ri mais forte) Pára!.... (Afasta os braços do truão. A face de Folial aparece, inexprimivelmente contraída) Tu choras?... Responde!...

REI - Preteuderás fazer melhor que o teu Rei ?...

FOLIAL- (Dominando-se) - Queria mostra-vos como esses equívocos são fáceis de conseguir. (Perante o pânico do Rei, ele ri sinceramente, desta vez num tom desabrido. Os sinos começam a ouvir-se ao longe. O Rei sobressalta-se).

REI - Ri mais! Eu gosto desse rir flamengo que encerra um ranger de dentes. Ri mais alto! Quero que te faças ouvir nos confins do Palácio. Quero que o teu riso bestial ofenda a própria morte. Mais forte ! (O rir de Folial torna-se horrendo; é um rugido) Basta!... (Folial pára de rir. O Rei desce os degraus e Folial segue-o, passo a passo) Eu queria também rir, agir como um bruto.

FOLIAL - Esqueci o protocolo.

REI - (Voltando-se) - Que dizes tu ? Não haverá nada de espiritual a extrair de ti, truão macabro ? Que tens ?.

Mo/

FOLIAL- Um ar de circunstância, como convém.

REI - (andando dum lado para o outro com Folial atrás dele) - Há já semanas que deambulas por aqui, gelado, a fazer esgares por tua conta própria! E atraíndo a tua obrigação, uma vez que o teu ofício é ser hilariante! Quanto a mim, aguardo aglibertação, aguardo que a morte se vá. E tu não tens uma palavra divertida, não tens sequer uma graça para o teu Rei. Estás repleto de azedume!... (Detém-se). Porque caminhas atrás de mim?

FOLIAL- Piso a Vossa sombra.

REI - (satisfeito) - Enfim! Reencontre-te... És de novo tu próprio arrogante e perverso; nunca foste malicioso e exuberante de facúndia como os hístriões franceses ou italianos, mas taciturno e vingativo como todos os da tua raça. O diabo elegeu-te para a sua moradia! Sete pecados lêem-se em letras maiúsculas na tua face de velho pergaminho. Os sete pecados e tantas outras abominações. Amava-te pela tua perfeição no mal e eras o único homem que um rei da minha espécie podia suportar... (Sobressalta-se). Ai! Assassinate a minha sombra! (Esbafeteia o jogral) Não te aproximes de mim ou mandar-te-ei dormir com os cães. Cão servil, cão velhaco! Tens exactamente a expressão e o jeito dum cão de fila... De gatas, põe-te de gatas, Folial (Folial põe-se de mãos no chão) Não mordas (ordenando) Deita-te. Coça as pulgas (Folial executa) Dorme (Folial suspira e simula o sono dum cão. Silêncio. O Rei está desconfiado). Cão ou hístrião, que sonhas tu? (Folial avança para o Rei e fareja-o) Folial, assim não! É a morte, a carne de cadáver o que tu farejas? (Os sinos recomeçam; Folial estende o pescoço e, como um cão, começa a uivar desesperadamente. Fora, todos os cães respondem. O Rei, enlouquecido, salta nos degraus. Maldição! Perseguem-me! Basta! Degolem os cães e o truão! (Folial, sempre de mãos no chão, trepa os degraus por detrás do Rei sem deixar de uivar). Eu sou a presa dos cães! (Dá pontapés no truão) . De pé!...

FOLIAL -(ergue-se) - Vosso servidor muito obediente... (Os dois no alto da escada enfrentam-se; fora ouvem-se pragas. Os uivos extinguem-se. Silêncio).

Mo/

REI - Que fazes junto a mim ?

FOLIAL - Aguardo as vossas ordens.

REI - Desce. (Folial desce pesadamente os degraus e, de súbito, sucumbe).

FOLIAL - Senhor !...

REI - (sentando-se no trono) - Irás finalmente recomeçar os teus folguedos ?...

FOLIAL - Perdão! Deixai-me subir à minha mansarda. Eu queria dormir...

REI - Terá, então, o Rei de ficar só ?

FOLIAL- Sacrifiquei todos estes anos ao vosso prazer . Eis-me , agora, no limite das minhas forças. A minha razão está extinta. Se -
nhor, o sono fugiu deste Palácio. As horas passam numa alucina-
ção gélida. Piedade para o hístrião que tem sono...

REI - Ainda não. É preciso esperar que a Morte nos deixe.

FOLIAL- Ficam mal as gargalhadas quando a morte está no seu trabalho..

REI - E se me agradar o riso ? Cessa os teus queixumes. Quero rir e tu queres dormir ?... Mas é forçoso que eu ria! Se não consegui-
divertir-me, há o garrote para os maus servidores , minis-
tros ou hístriões, o garrote que te obrigará a fazer caras
abomináveis. O teu crânio está cheio de larvas ?... Ri! Senão
vou mandar-te para o meu carrasco e ele há-de tratar-te como
a um judeu ou a um moedeiro falso...

FOLIAL - Perdão!...

REI - Que me resta, então, se o meu jogral se torna triste e se en-
che de sono ? E que te importa que a Rainha morra, que a Mor-
te cumpra a sua tarefa ?... É de pensar que é a tua mulher ou
a tua filha que partem para o reino dos vermes!... (Colérico)

Mn/

- Inventar uma farsa!

FOLIAL - (Levantando-se) - Uma farsa, profunda e breve, a última de que me sinto capaz... Representá-la-emos ambos, Senhor. (Saída um público imaginário e começa uma pantomima pela qual apresenta pela qual apresenta o Rei e a ele próprio. Depois faz uma pirueta e salta nos degraus). No meu país, na Quaresma, escolhia-se um inocente que se cobria de europeus. Com uma coroa e um cetro fazia-se deste inocente um rei! Um rei que se festejava e se colocava no seu trono de ilusão. Todas as honras lhe eram prestadas. A canalha desfilava, intrigava, lisonjeava, aclamava. O rei bebia; encharcava-se de cerveja e de vaidade. E quando estava bem enfatuado com o seu destino... (Salta para o Rei) lançava-se por terra a sua coroa... (Arranca-lhe a coroa e fá-la rolar pelos degraus) tirava-se-lhe o cetro... (Arranca-lhe o cetro) para voltar a fazer dele um homem como era antes!... (Recua) como eu acabo de fazer. (Melífluo) Compreendes?... Eis-vos apenas um homem; e como sois feio!... (Vivamente, desembaraça-se do seu barrete de louco e tira o seu bastão de Bobo e prossegue, sarcástico) Eu, como vós, reencontrei a minha condição de homem e a minha fealdade vale bem a vossa!... (Ri à speramente) Compreendeis ao menos o jogo que vos proponho?... Há quanto tempo o preparo! Será de Vosso agrado? Ides rir com esse belo riso flamengo que tanto amais! E eu, vou ver-vos rir, infinitamente, como se ri nas Vossas adegas!...

(narrador)
↓

~~(As mãos abrem-se e os dedos afastam-se. O Rei bate os dentes) Folial parece ter perdido a consciência e só as mãos agem, cheias de poder e avançam para o pescoço do Rei. Este flectiu as pernas e deixou-se cair no trono com a boca aberta. Quer gritar, mas o grito não sai e as mãos de Folial apertam-lhe o pescoço. O Rei sufoca, mas logo um riso estridente jorra da boca aberta. Este riso flagela o truão que larga a presa e deixa cair as mãos. O Rei sai do trono e mantém-se a distância.)~~

REI - (arquejante) - Resultou a farsa, a tua bela farsa!... Deixa-me rir, bêbado! Como representaste bem; que bem simulavas o ódio!... Como é grande a minha surpresa! Nunca tinha notado

Mn/

as tuas mãos! Espantosas, as tuas mãos! Quando te tornares completamente estúpido, farei de ti carrasco, se entretanto não tiveres sido estrangulado... (Desce alguns degraus e escarra para o ar) Amigo, isto são jogos de vilão!... (Severo) Aproxima-te, verme....

FOLIAL- (Voltando à realidade) - Senhor... o carrasco?...

REI - Ainda é cedo!... (Agarra Folial pelo ombro) - Como a tua farsa era equívoca! Esse equívoco, que eu tanto aprecio! Não estava muito à vontade, mas mesmo assim assombraste-me. E eu ri, finalmente, um riso que vinha do fundo das entranhas! O meu bom humor renasce...

FOLIAL -(balbuciando) - Este local inspira-me muito pouco...

REI - Evidentemente, não estás nos teus melhores dias (Batendo no ventre de Folial) Não soubeste tirar partido da farsa, hen... Ou melhor: era preciso estrangular-me e não foste o homem que eu supunha (Ri surdamente) Como eu compreendo a arte dos comediantes e dos histriões... Para eles vai toda a minha ternura... Possuo uma alma de histrião, sobretudo nesta noite. E se representássemos? É fácil porque estamos transformados em dois homens. Para ser qualquer outra coisa bastará um simples adereço. Dois homens, já pensaste nisso? Eu, a partir de um rei, tu, a partir de um monstro, e eis-nos dois homens! Como me sinto satisfeito! Mas, em ti, gárgula, a cara exprime o desgosto, a angústia, o desespero - tudo o que devia transparecer na minha face, lá não aparece, a despeito dos meus esforços! E a tua fealdade é real, verdadeiramente real. Vamos, então, representar o nosso entremez...

Narrador

O Rei

(~~Imediatamente~~ apanha a coroa e o cetro, põe a coroa na cabeça do truão e mete-lhe na mão o cetro, depois tira o seu manto e põe-no aos ombros de Folial que nada compreende e se defende timidamente.)

FOLIAL - Impostura!...

Mo)

REI - Comédia!... (Recusa e considera com complacência) Que rei!.. Que rei para os Autos de Fé!... (Violento) A farsa continua! Trepá ao trono, gorila coroadó! (Enquanto Foliai, sucumbido talvez pelo peso da coroa e do ceptro, trepa pesadamente os degraus, o Rei põe o barrete e o ceptro de Foliai. Chegando ao trono, Foliai deixa-se cair e considera, num estu- por profundo, as manices do Rei, nos degraus em baixo).

FOLIAL - Senhor?!

REI - (sacudindo burlescamente) - Senhor!... Eu quero com os meus folguedões dissipar os vossos pensamentos dolentes. A Rainha está a finar-se? Como truão devotado, farei variações sobre este tema: a Rainha, a desafortunada... Mas eu rió-me dis- so. O desgosto ultrapassa a minha função! Morta a Rainha, encontrar-se-á uma outra! Deixai-me rir! O meu prazer é imenso. Pois não nasci eu truão, Senhor? Sou histrião por natureza, pérfido e dissimulado, em tudo semelhante a uma mulher. E a Rainha, essa mulher, gastou o tempo dum só olhar para medir a minha vacuidade e votar-me ao mais absoluto desprezo. A Rainha julgou a minha alma e o meu corpo. E viu que eu era um truão por debaixo dos meus fatos magníficos. Tivesse-me eu comportaço como rei e ela não se teria deixa- do prender. Crêde, Senhor, eu fiz para a seduzir as mais graciosas gatimanhas, tudo eu fiz... Em vão prodigalizei os meus recursos... (Esboça uma pavana) Mas um truão alguma vez contou a sua vida?! Prefere dançá-la! Por isso eu danço a Morte! Eu danço a minha libertação! Danço as pompas fúne- bres, a desapareição no nada dessa boneca de cera, cheia de perfumes raros! Já a vão descer para as criptas sepulcrais sob um dilúvio de água-benta! Eu não receio o seu espectro (Retoma a pavana) Não vos espanteis com o meu bailado. Dan- ço como um viuvo, como um bode de sabbat, como um sátiro da antiguidade... (Interrompe-se e deita-se, fatigado, nos degraus) Agrade-vos o meu solilóquio, Senhor?...

FOLIAL - Blasfemo!... A que vai morrer é bela, pura e santa. Morre por causa do silêncio e das trevas deste Palácio, onde as paredes a espreitam e os salões de festejos encobrem alça-

pões e instrumentos de suplício. Ela morre à força de viver entre seres sinistros, longe do sol, sequestrada e estrangeira nos seus próprios domínios. Morre, Rainha sem povo dum Reino empapado em sangue, onde reinam os espias e os inquisidores. Eu digo-vos: a Morte é benfazeja e desejávelhe a vinda como vós a tendes desejado. E ela chegou depressa porque nunca erra longe destes lugares que partilha em comunhão com a loucura.

REI - Oh! Senhor! Será prudência falar tão livremente? Só os reis assim se exprimem sem que venha a mordaza de ferro abafá-lhe a voz.

FOLIAL - (que não entendeu) - Cala-te, truão! Eu conheço as tuas farsas, mesmo as mais abjectas; és um imundo, amante do monturo e cujos deleites mórbidos vão do odor da carne que arde nas fogueiras até ao linguajar dos papagaios. Os teus pecados fariam enpalidecer o confessor. E se Deus te não apertou a garganta é porque te reserva o fim de Herodes ou pior...

REI - Senhor, porque me oprimis? O meu ofício não é muito nobre, o meu ofício é ferir. Poderei saber, eu que estou à margem da humanidade, o que é o amor, a dor alheia? Sem dúvida já sofri muito com esse desprezo... Sim, este desprezo que me feria como agulhas cravadas na alma (Em voz baixa). Eu sei que vós fostes o único a compreendê-la, àquela incompreendida. E para vós ela tinha um outro olhar, não aquele olhar glacial que me deixava a tremer de vergonha, mas um olhar longo e húmido de cadela reconhecida... (Sobe os degraus) Esta rainha? Eu sei que apesar da conspiração das muralhas, dos ferrolhos e dos lacaios, vós penetrastes até à sua alma... (A voz estrangula-se) e possuístes o seu corpo...

FOLIAL - (ergue-se e cambaleia) - Este trono, tão alto... causa-me vertigens!

REI - Sim, foram uns estranhos amores!... Foi por uma noite de

tempestade, cheia de moscas e de odores monótonos, que vós rastejastes ao longo dos corredores... E eu, o truão, rastejei atrás de vós... (Súbitamente, quase áfona) E experimentei a atroz volúpia de ser testemunha da vossa, e torcí-me em silêncio nas lajes... (Estridente) Senhor, os reis não amam, é uma regra; os reis deste país reinam no meio da detestação universal!... (Sobe alguns degraus) Tanta felicidade desafiava a vingança do truão. Senhor, escutais-me? (Mesmo chegado a Folial) A rainha... estrela... abelha... música... anjo... A rainha, como nos velhos romances, morre deste amor!... Ela morre por causa deste monstruoso, deste inconcebível amor!... Ela sabia-o ao respirar o ar da sua câmara, ao comer os seus frutos preferidos!... (Desce três degraus) Morre como morrem os grandes deste país... (Uiva agudamente) Morre envenenada!... (Raivoso) O amor não entra neste palácio!... Está interdito o amor neste palácio!... (Desce precipitadamente até aos primeiros degraus) Que far-se-á...

FOLIAL - (como bêbado e a descer) - Truão, queres que eu estoure de riso? Ou preferirás tu a verdade?...

REI - Maldição! Mas diz-me, qual de nós tem génio?...

FOLIAL - Vós sois um grande actor.

REI - Somos grandes actores! Basta! - a farsa terminou. Retornemos à nossa identidade.

FOLIAL - (fugindo pelos degraus) - A minha coroa!... Sou o Rei!...

REI - (perseguido-o) - A minha coroa!... Sou o Rei!...

FOLIAL - O Rei sou eu, pois tenho o amor duma Rainha!...

REI - (agarrando-se ao truão) - Guarda o amor da Rainha, mas coroa do Rei, essa, quero-a para mim! (Agarram-se. Luta muda nos degraus do trono. O monge entra).

MONGE - Que Vossa Majestade... (Os dois separam-se, arquejantes)
A Rainha...
(Quer sair, tomado de pavor. Folial salta para ele)

FOLIAL - Quê? A Rainha?... Fala, eu sou o Rei!...

MONGE - Eu anuncio ao Rei... que a Rainha morreu!... (O Rei arranca a Folial, que fica pregado no lugar, a coroa, o cetro e o manto). É preciso que o Rei venha, quem quer que ele seja!...

FOLIAL - (tomba de joelhos e esconde a face) - Deus a receba!...

REI - Que a leve o diabo!... (Põe a coroa e coloca o manto) Urros?... (Com o cetro, faz sinais para a parede e designa o truão; depois, escarra sobre Folial) Depois da farsa, a tragédia...

Narrador

FOLIAL - (num soluço) - A Rainha morreu!...

Narrador

(O homem de escarlate entra, magro e ágil, a cabeça coberta com um capuz. A um novo sinal do Rei, deixa-se cair sobre Folial e, silenciosamente, estrangula-o.)

MONGE - Deixais-me dar-lhe a absolvição?...

REI - Porventura se fizeram os sacramentos para os truões?... Vamos ao nosso dever! (Alguns passos para a E. Volta-se) Eh, carrasco! (O homem de escarlate volta-se e esfrega as mãos) O meu truão?... O meu pobre truão!... (Ao monge) Uma Rainha, padre, encontra-se; mas um truão...

MONGE - Em nome do Céu, vinde!...

REI - Sim! Padre, tenho desgosto do meu desgosto... (Lança ao monge um olhar ignóbil) Então? A Rainha está morta, dizíeis vós?...

(Desata a rir estupidamente e retira-se, seguindo o monge. O carrasco sai, arrastando o cadáver de Folial. Ouve-se o riso histérico do Rei, decrescendo. Os sinos começam a tocar. Um canhão toca. Fora, os cães uivam).

F I M



FOLHA DE PRESENCAS

Referência { N.º/R.P.L. 448
N.º S.P.P.

Datas { da gravação 18 de Junho de 1975 às 9:30 horas.
da 1ª emissão 23 de Junho de 1975 Programa 1ª - 12:10

Director artístico *Benjamin Marques*

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
António Marques Carlos Cesar Filho Cleto Carlos Daniel	Pei Folial Munge narrador	António Marques Carlos Cesar Filho Cleto Carlos Daniel

Pessoal da Emissora Nacional

Pessoa
Jure Ribeiro

Locutor

Captação

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, de _____ de 196